



VIDAS...
Nobis vive
Nobis vive

ESPALHA EDH

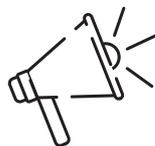


Informativo mensal sobre Educação em
Direitos Humanos

*"Olha nos meus olhos,
sou ser humano!"*

TEMA DO MÊS: POP RUA

ESPALHA EDH



Informativo mensal sobre Educação em Direitos Humanos

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes
Prefeito

**SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA - SMDHC**

Secretária Municipal
Soninha Francine

Secretária Adjunta
Marcia Francine

Chefe de Gabinete
Giovani Piazzì Seno

**Departamento de Educação em Direitos
Humanos**

Diretora
Renata Mie Garabedian

Assessoras
Tayná Rodrigues Salviano
Caroline Kazumi Chinen
Vera Velozo

Estagiários/as
Ana Joyce Soares Ribeiro
Antonio Pedro B. M. Miranda
Karine Yukari Shiroma

Colaboração
Sophia Felix Medeiros
André Ribeiro Carnelossi

18ª Edição

2º Quadrimestre, 2022

Parceria

Coordenação de Políticas para
a População em Situação de Rua

Coordenação

Luiza Rabinovici Trotta

Assessoras

Maria Luiza Burgareli Laia Gama
Paula Santos de Jesus
Lucas Molino Loureiro
Giovanna Carlos de Oliveira

Estagiárias

Fernanda Amancio Nasrallah
Bruna Moraes da Silva

Colaboração

Giulia Pereira Patitucci
Alan Medeiros Pessoa
Martim Ferraz Costa Furtado

Revisão

Sophia Felix Medeiros
Ana Joyce Soares Ribeiro
Maria Luiza Burgareli Laia Gama

Concepção gráfica e diagramação

Ana Joyce Soares Ribeiro
Karine Yukari Shiroma

Realização

Depto. de Educação em Direitos Humanos

CARA LEITORA E CARO LEITOR

O tema desta edição evoca e busca a valorização do movimento da população em situação de rua (PopRua), e foi elaborado em conjunto com a Coordenação de Políticas para a População em Situação de Rua. Como de costume, o Espalha EDH traz um informativo feito por diversas mãos, com relatos de experiências, reflexões e depoimentos daqueles que, em cada espaço que ocupam, se fazem presentes na luta de promover, garantir e reivindicar os direitos das pessoas em situação de rua.

Ao longo da publicação você irá ler o texto de Maria Adélia Gonçalves Ruotolo sobre a experiência do CIEJA Paulo Emílio Vanzolini, que recebe beneficiários do Programa Operação Trabalho Pop Rua (POT Pop Rua) para serem alunos regulares do Ensino de Jovens e Adultos.

Na seção Cultura DH, a pauta é o CISARTE, espaço voltado para discussão e implementação de atividades voltadas para pessoas em situação de rua.

Em Territórios EDH, o local escolhido foi o primeiro prédio do Programa de Locação Social exclusivo para pessoas em situação de rua de São Paulo, o Asdrúbal, e o texto é escrito por Maria Luiza Burgareli Laia Gama.

Na seção Perfil, por meio de relatos de Darcy Costa e Sebastião Nicomedes, relembramos figuras importantes na busca por direitos relacionados à população em situação de rua como Jamaica, Neide Vita e Carlos Henrique.

Para finalizar, estreamos a seção Espalha + DH que, nesta edição, conta com um poema do Sr. Robson Mendonça, Presidente do Movimento Estadual da População em situação de rua.

Aproveitem a leitura!

EQUIPE EDH

EDH NA REDE

ESPERANÇANDO

Maria Adélia Gonçalves Ruotolo - Coordenadora Geral do CIEJA Paulo Emílio Vanzolini

Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, deu novo significado à palavra “esperança” ao transformá-la no verbo “ESPERANÇAR”. O ato de esperarçar traduz a luta, a indignação e a não aceitação de injustiças e de desigualdades.

O ato de esperarçar implica em resistir, em construir, em dialogar. É essa ESPERANÇA, traduzida em atos de acolher, cuidar, dialogar, transformar, que permeia os espaços do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Paulo Emílio Vanzolini.

A Pedagogia da Esperança, de Paulo Freire, nos leva a refletir sobre o momento atual da Educação e o ato de esperarçar.

"As chamadas minorias, por exemplo, precisam reconhecer que, no fundo, elas são a maioria. O caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças e assim, criar a unidade na diversidade, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir-se uma democracia substantiva, radical"

- Paulo Freire

Qual dos estudantes da foto abaixo encontra-se em situação de rua?



É na escola que diferenças e semelhanças trabalham juntas para se criar a unidade na diversidade.

As desigualdades são construções sociais e a Educação exerce um papel essencial para derrubar muros que teimam em se levantar para excluir e isolar.

Construir uma sociedade mais justa, democrática, igualitária é um trabalho que envolve ações conjuntas do poder público e da sociedade.

Um exemplo de Políticas Públicas intersetoriais da cidade de São Paulo, é o Programa Operação Trabalho (POT), da SMDT. Uma das modalidades deste programa é o POT PopRua, idealizado pela SMDHC, voltado, exclusivamente, para atender pessoas em situação de rua.

O objetivo do POT PopRua é a promoção da inclusão social de pessoas que, hoje, se encontram em situação de rua, por meio da participação em cursos profissionalizantes e a retomada dos estudos. Também é objetivo do programa o encaminhamento dos participantes aos Centros Temporários de Acolhimento (CTA) onde eles têm acesso a serviços básicos como banho, alimentação, cama, cobertores. Estas ações são desenvolvidas em parceria com a SME, o Instituto Becei e a USP Leste.

Em 2019, das 30 primeiras pessoas participantes do POT PopRua, 28 foram matriculadas no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini. O incentivo e a divulgação do Programa, motivaram outras pessoas a efetivarem suas matrículas na escola. Hoje, recebemos 96 estudantes, em situação de rua, e outros que, ainda, aguardam uma vaga no CIEJA.

A presença destes estudantes trouxe uma nova vida para o CIEJA, um novo significado de Educação/Escola e, principalmente, despertou nos educadores, o real papel de mediadores no processo de construção de uma sociedade igualitária e cidadã.

Não podemos esquecer que estes estudantes, são trabalhadores, que tiveram e, ainda têm, seus direitos de cidadania negados.

São trabalhadores esquecidos, invisibilizados pela sociedade, cujo nome, um direito assegurado por lei, é substituído por rótulos. A presença destes trabalhadores, que hoje, encontram-se em situação de rua, nos espaços escolares, constitui um novo caminho para resgatar os direitos que lhes foram negados e contribuir para traçar um novo caminho de (re) invenção da “prática da cidadania”.

Estes estudantes talvez não nos respondam de imediato o que é um “verbo” ou quem foi “Oswaldo Cruz”, mas, com certeza, ensinam o sentido de solidariedade e a compreensão do verdadeiro sentido de acolhimento, cuidado e respeito à Natureza.

Segundo o mestre Paulo Freire, na *Pedagogia da Indignação*:

"Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta. Na verdade, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria uma ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contra-sonhos.

É que o momento de que uma geração faz parte, porque histórico, revela marcas antigas que envolvem compreensões da realidade, interesses de grupos de classes, preconceitos, gestação de ideologias que vêm perpetuando em contradição com aspectos mais modernos".

Diante disso, cabe aos educadores, ressignificar a Escola transformando-a em Espaço de construção de sonhos. Cabe aos educadores, contribuir para que estas pessoas, hoje em situação de rua, possam resgatar seus sonhos e ocupar seu lugar de direito na sociedade.

ESPERANCEMOS!

Seguindo o hino do CIEJA Paulo Emílio Vanzolini, nos versos de seu patrono:

"... e não desanima. Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima."



CULTURA DH

CONHEÇA O CISARTE

Darcy Costa – Gestor do CISARTE

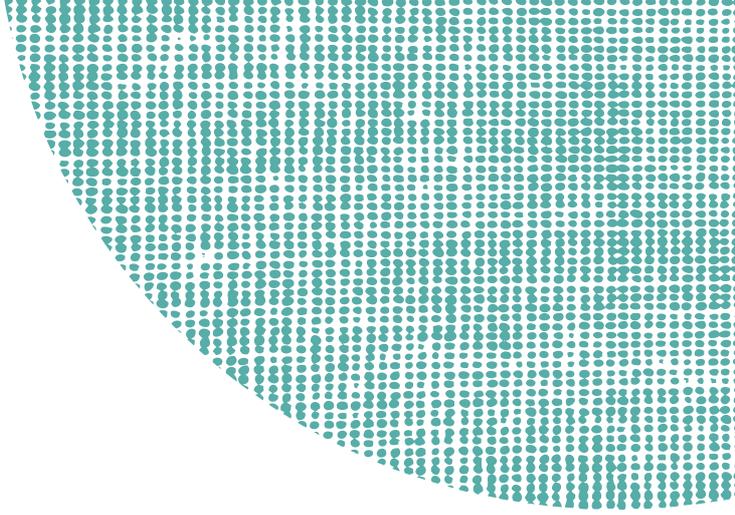
O CISARTE – Centro de integração Sócio Cultural pela Arte, Cultura, Educação e Trabalho foi constituído como um espaço de discussão e implementação de ações multissetoriais voltadas para a População de Rua da cidade de São Paulo, instalado num espaço de 1.500 m² cedido pela Prefeitura Municipal especificamente para este fim.

Sua estratégia de implementação vem sendo discutida por um conjunto de organizações públicas e privadas que partilharão com o MNPR (Movimento Nacional da População de Rua) a gestão e a responsabilidade das ações desenvolvidas. O CISARTE (Associação Comunitária Sócio Cultural) com CNPJ sem fins lucrativos - nasceu em 2016 a partir da luta do MNPR-SP.

A finalidade do CISARTE é de promover a cidadania da população em situação de rua, atuando em diálogo com as áreas de assistência social, educação, saúde, habitação, meio ambiente, economia solidária, cultura entre outras, para contemplar essas pessoas de forma integral e intersetorial. Trata-se de uma porta de saída para população em situação de rua através de metodologias multidisciplinares melhorando a qualidade de vida dessas pessoas.

O CISARTE visa ser uma referência na criação de um novo paradigma no trabalho com a população em situação de rua, através de uma atuação pautada pela justiça social visando o empoderamento desta população com respeito, ética, solidariedade e transparência. O local atende em média 70 pessoas por dia, ou seja, 280 pessoas por semana - de terça a sexta - todas em situação de vulnerabilidade social e que vivem em viadutos, marquises, calçadas, centro de acolhimentos e barracas.

Há muitos casos de complexidades, mas quando a pessoa em situação de rua chega ao espaço, já na recepção ele assina a lista de visita, e a partir desse momento, ele é chamado pelo o nome - é o momento de resgate da identidade e dignidade.



O CISARTE identifica os talentos da rua.

Temos Pessoas que tocam piano, violão, contrabaixo, cozinheiros, desenhistas, pintores, poetas, artistas de rua, eletricitista, cabelereiro, estudantes, graduandos e outros.

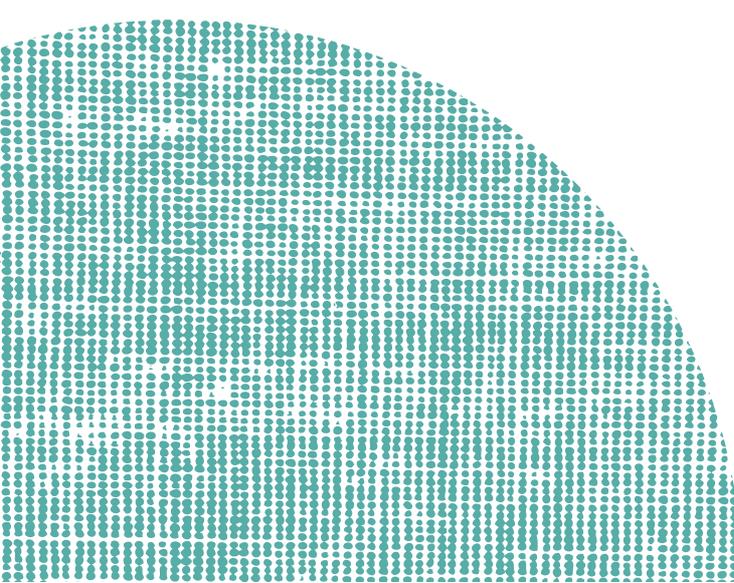
Os frequentadores usam a sala de Inclusão Digital (Sala de informática) para conversar com os familiares - há casos de pessoas que foram resgatados por familiares com o caso da Elis de Brasília , assistem filmes, ouvem músicas, desenham, escrevem, estudam, entre outros.

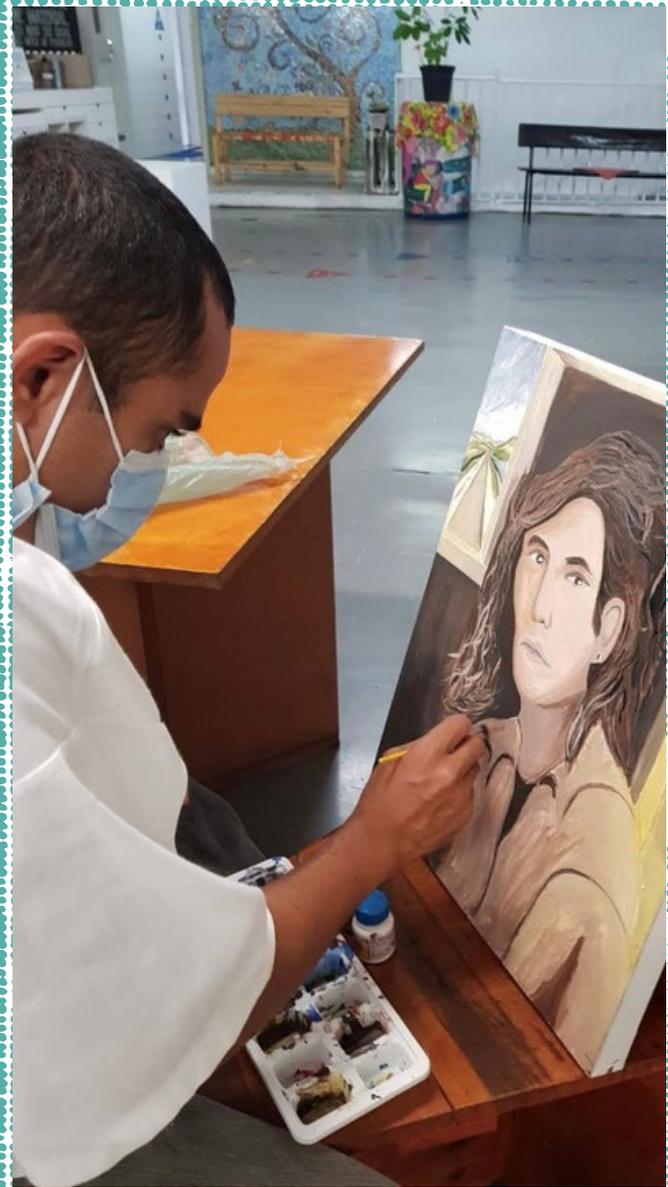
O suporte na sala de inclusão digital é sobre a própria rua ensinar a rua com mídias sociais, e-mails e demais necessidades. Nos cursos de inglês, japonês e espanhol novamente a premissa é a rua ensinar a rua por meio de pessoas que viveram ou que vieram de outros países como Japão, Peru, Espanha e etc.

Logo, resgatar a cidadania da população em situação de rua, é construir uma relação dialética e dialógica com estes coletivos de forma integral, holística em suas variadas demandas e necessidades.

Seguindo a metáfora de sua sede idealizada para ser uma plataforma de embarque e desembarque da Companhia do Metropolitano de São Paulo, o Metrô, com a instalação do CISARTE, no Viaduto Pedroso, sobre a avenida 23 de Maio, seus mais de 1500 m² de área representam uma porta de entrada para a reparação de danos, quer seja pelo atendimento social e de saúde, ou pela possibilidade de acesso às oficinas de arte, informática, leitura, cursos de curta duração, como uma saída da situação de rua, que busque a qualidade de vida dessas pessoas.

O CISARTE visa ser uma referência na criação de um novo paradigma no trabalho com a população em situação de rua, através de uma atuação pautada pela justiça social visando o empoderamento desta população com respeito, ética, solidariedade e transparência.







TERRITÓRIOS EDH

MORAR É UM DIREITO HUMANO: A EXPERIÊNCIA DO PRIMEIRO PRÉDIO DO PROGRAMA DE LOCAÇÃO SOCIAL VOLTADO UNICAMENTE PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM SÃO PAULO



Por Maria Luiza Burgareli Laia Gama - Cientista Social e Assessora na Coordenação de Políticas para a População em Situação de Rua

O direito à moradia, tema que pode parecer menor para quem já tem uma casa, ainda é uma reivindicação fundamental para as pessoas em situação de rua. Milhares de pessoas no mundo ainda não têm um dos direitos humanos fundamentais garantidos: o direito a ter um local para morar. Em São Paulo, o último censo oficial da população em situação de rua realizado em 2021 aponta que mais de 31 mil (1) pessoas têm esse direito ainda violado em nossa cidade, dado que mostra qual deve ser o sentido da elaboração de políticas públicas para este recorte populacional.

Ainda não é evidente para todos a conexão entre o direito à moradia e direitos humanos, porém o acesso à moradia digna é considerado um direito fundamental humano pela Declaração Universal dos Direitos Humanos desde 1948. Os tratados internacionais reafirmaram que os Estados têm a obrigação de promover e protegê-lo por meio de políticas públicas efetivas na área da habitação. No Brasil, este passou a ser um direito assegurado em constituição a partir do ano 2000, no seguinte texto do Art. 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”.

Assegurar direitos perpassa por todos os campos da vida: trabalho, educação, saúde, cultura e moradia; e estes devem ser garantidos a todos independente dos marcadores sociais que carregamos, como gênero, raça, orientação sexual, religião e nacionalidade. Porém, vemos que estes direitos básicos ainda são violados cotidianamente, e o trabalho da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) é justamente tentar reverter este contexto através da garantia do acesso da população às políticas existentes ou criação de novas políticas.

Neste sentido, o ano de 2019 foi um marco na garantia do direito à moradia a esse recorte social em São Paulo: houve, neste momento, a inauguração pela Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB) do primeiro edifício de uma Habitação de Interesse Social (HIS) na modalidade do Programa Locação Social para a população em situação de rua. Este projeto piloto está localizado no edifício Asdrúbal do Nascimento II, na região central da cidade e abriga 34 famílias.

(1) Censo antecipado pela Prefeitura de São Paulo revela que população em situação de rua cresceu 31% nos últimos dois anos. Disponível em: <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/censo-antecipado-pela-prefeitura-de-sao-paulo-revela-que-populacao-em-situacao-de-rua-cresceu-31-nos-ultimos-dois-anos>



O Programa de Locação Social foi criado em 2002 com o objetivo de disponibilizar unidades habitacionais a baixo custo para pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social e baixa renda. O intuito é disponibilizar unidades habitacionais através do pagamento de aluguéis subsidiados, sendo o valor da locação das unidades variável de acordo com a renda familiar. Os beneficiários selecionados para integrar este projeto são pessoas que possuíam renda mínima para pagamento de aluguel social e que possuíam passagem pela rede de acolhimento socioassistencial.

A conquista de um projeto piloto que visa a oferta da moradia representa um grande passo para a garantia de direitos da população em situação de rua. Nas últimas quatro décadas este recorte populacional vem ganhando destaque no cenário político urbano brasileiro. Apesar do aumento da preocupação com o crescente problema das pessoas em situação de extrema pobreza e sem habitação que utilizam as ruas como forma de moradia, somente em 2009 foi consolidada uma política nacional para a população em situação de rua através do Decreto nº 7.053.



Tal política nacional acrescida do fortalecimento de outras políticas públicas foi fundamental para o estabelecimento de diretrizes para o desenvolvimento de estratégias e políticas públicas integradas frente à situação de rua nos municípios de forma articulada. Ela possibilitou o surgimento de novas frentes de trabalho com esta população, bem como a integração e garantia do acesso de pessoas em situação de rua às políticas já existentes, de forma a contemplar as necessidades sobrepostas desta população, rompendo o caráter unicamente assistencialista das ações desenvolvidas até então.



Desta forma, a compreensão da situação de rua como um processo de vulnerabilidades sobrepostas é fundamental para pensar a abordagem das políticas públicas frente a este desafio. É fundamental entender que, para além do acolhimento institucional é necessário assegurar outros direitos como acesso a educação, à alimentação de qualidade, trabalho, saúde, cultura, lazer e moradia.



No sentido de realizar o atendimento integral às famílias beneficiadas por este programa, foi estabelecido na portaria SEHAB nº 125/2018 o acompanhamento dos moradores por um Grupo de Trabalho Intersecretarial - GTI, que conta com a participação das Secretarias Municipais de Saúde, Habitação, Assistência e Desenvolvimento Social e Direitos Humanos, assim como a Companhia Metropolitana de Habitação. As referidas instituições são responsáveis por realizar a gestão do empreendimento e acompanhar as famílias atendidas, visando a melhor adaptação ao espaço e a integração a outras políticas existentes.

Apesar dos grandes avanços, ainda temos muitos desafios pela frente quando o assunto é a garantia de direitos humanos fundamentais da população. Seguimos juntos e lembremos: morar é um direito humano!

PERFIL EDH

JAMAICA
NEIDE VITA
CARLOS HENRIQUE



Na edição em que o Espalha EDH traz como tema "PopRua", a seção Perfil homenageia os ativistas Jamaica, Neide Vita e Carlos Henrique.

A homenagem será feita a partir de relatos de companheiros de luta, Darcy Costa e Sebastião Nicomedes.

Relato 1

"O Manoel Messias, conhecido como Jamaica, e a Neide Vita, foram dois grandes ícones e lideranças da luta PopRua. Lutando pela dignidade, direito a cidade e acesso a cidadania para população em situação de rua. Dois grandes exemplos de vida, de compromisso, resiliência e luta por direitos humanos.

O Jamaica foi um grande defensor pelo projeto CISARTE (Tema da seção Cultura DH), e a Neide grande batalhadora e atuou muito no projeto "A Cor da Rua". Para eles, não tinha dia e nem hora, eles eram a todo dia e a qualquer hora, em favor da população em situação de rua.



No CISARTE existem duas salas em homenagem a eles, a sala de Inclusão Digital foi feita em homenagem em memória a Neide, conhecida como Sala de Inclusão Digital Neide Vita, e o auditório tem como nome Jamaica - Manoel Messias, pois ele sempre foi uma pessoa que deu voz as pessoas em situação de rua, e fez isso de forma muito desprendida. Doaram suas vidas e o tempo a favor da dignidade humana."

- Darcy Costa

Relato 2

O primeiro contato do Jamaica com a luta da população em situação de rua, foi através do Senhor Robson Mendonça, que era Coordenador do Movimento Estadual da População em Situação de Rua. O Coordenador recebeu uma ligação que mencionava um homem em situação de rua, dormindo em frente a um portão na chuva e sol, com fome, e parecia ser uma pessoa que não conhecia o local. Então Seu Robson foi até o Jamaica, ajudou e mostrou os canais de alimentações que eram fornecidos as pessoas em situação de rua. E nessa hora, Jamaica definiu o momento como uma "conquista de direito". A partir disso, Jamaica se alimentou, se preparou e foi para um abrigo, aproximando-se da luta.

Jamaica era muito culto, foi seminarista, com muito conhecimento sobre engenharia, e algumas pessoas o consideravam louco, porque não conseguiam acompanhar o raciocínio. Quando ele foi Conselheiro do Comitê PopRua, todo mundo ficou impressionado com suas contribuições e ações.

Jamaica tinha como bandeira a moradia e a economia solidária, sempre com uma elaboração fantástica, conseguiu realizar a fusão de uma linguagem técnica, com a realidade e voz das pessoas em situação de rua.

E assim foi a luta do Jamaica, e ele considerou a conquista do espaço CISARTE - que estava à frente o Anderson e Darcy - outro sucesso da conquista de direito da população em situação de rua. A partir disso, praticamente vivia neste espaço, pois ele gostava muito de usar a internet para trabalhar com pesquisa, estudos e projetos.

Quando surgiu o programa de trabalho, Jamaica me apoiou, ficou encantado e achava que aquele era o lugar onde eu devia estar. Quando teve uma reunião do Comitê, para definir um representante para ir para Londres para as Olimpíadas, na delegação Brasil, o Jamaica deu o meu nome para votação, por sempre atuar pela bandeira na luta PopRua. A escolha foi unânime e fui para Londres, sou muito grato ao Jamaica, que sempre me chamou e me apelidou de Embaixador da População em Situação de Rua e ele Doutor Honoris Causa e Bacharel Defensor Público, ele era um barato, a gente ria muito.

Ele virou o Jamaica no segundo mandato do Comitê, antes ele era o Messias que era seu nome mesmo, mas no segundo ele recebeu o apelido e apagou o Messias. No entanto, ele tinha uma ferida na perna e uma ulcera, aquilo estava consumindo-o por fora e por dentro, e com a pandemia agravou-se. Ele foi internado, mas já estava muito debilitado.

O sonho dele era conquistar moradia para todo mundo, e não queria casa para ele primeiro, se não fosse conquistar para todo mundo. Jamaica partiu dessa sem conquistar a casa própria, mas acredito que partiu feliz, estava em paz, como ele sempre dizia: Missão Cumprida, era o lema de Manoel Messias quando realizava algo, e sempre falava para as pessoas falarem isso após um ato realizado.

- Sebastião Nicomedes

Relato 3

O Carlos Henrique Cardoso de Aquino, conhecido por Carlinhos, foi cofundador do Movimento Nacional de População de Rua - sendo eu (Sebastião) e Anderson os fundadores, juntamente com outros 15 cofundadores de 15 estados. Carlos foi um dos primeiros a chegar e participar da fundação na sua construção e consolidação como movimento.

Quando saí do COMAS (Conselho Municipal de Assistência Social), ele me sucedeu, sendo eleito, por volta de 2008, e seguiu representando a população de rua. Carlos Henrique cobrava e lutava pelos direitos desta, puxando a abertura de mais "Centros de Acolhidos".

Assim, sempre olhava para as melhorias, reformas e adequações, cobrando, denunciando, reclamando, e aplaudindo as melhorias, independentemente de quem realizasse, sendo de esquerda ou direita. Fazendo bem feito, ele aplaudia, e fazendo mal feito ele fazia um estardalhaço por aqueles direitos.



Eu conheci o Carlinhos em 2003, moramos no Albergue Arsenal da Esperança, uma instituição lá no Brás, e criamos um grupo de teatro em que o Carlinhos foi essencial para esse trabalho. Ele selecionava os atores, e chegamos a um grupo de 12 personagens, com 7 atores se revezando, dessa forma, já fomos ensaiar na subprefeitura da Mooca. Desenvolvendo vários projetos nessa área do teatro, e depois cada um seguiu um caminho. Apesar disso sempre nos encontrávamos já que eu estava na SMADS (Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social) e ele atuava no COMAS, então estávamos perto e logo almoçávamos juntos, sempre discutindo as políticas da população de rua.

No momento em que ele faleceu, a notícia pegou de surpresa, porém já fazia algum tempo que não o via. Soube que ele estava em uma casa de recuperação, à pedido dele foi pois sempre que estava mal ele ia para o centro de tratamento para população de rua.

Foi uma grande perda para a população de rua. Acredito que como ele não poderia mais ser conselheiro do COMAS, por ter 2 mandatos, e o momento da pandemia, com o isolamento, infelizmente acabaram contribuindo com isso, tanto para o falecimento dele quanto o do "Jamaica".

- Sebastião Nicomedes

Relato 4

"A Neide, a Neide Vita. A gente se conheceu nessa caminhada da poesia, eu era do COMAS (Conselho Municipal de Assistência Social), poeta, e a Neide, poetisa. A gente acabou se encontrando, ela foi se apropriando dos espaços, da bandeira da mulher em situação de rua, e foi ocupando ao participar dos eventos.

Em um dado momento, ela preencheu o espaço no Comitê PopRua, a partir daí ninguém mais segurava essa mulher. Eu passei a trabalhar na ONG Rede Cidadã, e depois a Neide também foi convidada, e assim, ambos fomos trabalhar na Rede, e tivemos treinamento com terapeutas ocupacionais, que trabalhavam com a população de rua para o trabalho. Nós éramos ali duas pessoas da rua, na linha de frente, com um grupo que já não tinha ligação com rua, pois era uma empresa que trabalhava com jovens aprendizes, com a formação de jovens, e que passou a formar adultos da PopRua.

Então a Neide e eu, participamos muito em conjunto, e depois eu fui para a SMADS (Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social), sai da Rede Cidadã, e a Neide acabou indo pra trabalhar como orientadora socioeducativa. Assim como eu batia de frente na SMADS com o Secretário de Assistência, ela também batia muito de frente com os serviços. Para a Neide, se o atendimento não fosse como ela considerasse o adequado, visando a dignidade que a população de rua merecia, ela se desentendia com o gerente, com quem quer que fosse, porque ela cobrava os direitos dessa população.

Tanto é que no último trabalho dela, Neide não foi muito feliz, teve algumas desavenças, e alguns incidentes sérios. Ela tinha salários atrasados, sofria com isso, estava com dificuldade de pagar o aluguel, dificuldade de comer, de transporte, porque iam punindo à medida que ela se rebelava, mas era sempre em função à população de rua. Não tinha jeito, era a natureza dela, ela ia bater de frente com quem fosse pelo ativismo e luta.

A Neide tem uma história triste desde o começo de sua vida. Ela era do tempo de que existia roda, e a Neide foi deixada em uma roda para a adoção, então, as freiras encontraram, criaram, e depois ela seguiu a vida dela, mas com muito sofrimento. Ela não conhecia os pais, não conhecia a mãe, mas depois ela formou a própria família, teve seus filhos. Era uma mãe muito apaixonada pelos filhos, só tive a oportunidade de conhecer os filhos pessoalmente quando ela faleceu, mas ela sempre me mostrava fotos e tudo dos filhos, do neto.

Na tenda Bela Vista nós formamos um Fórum de cultura e arte para a população de rua, e a Neide estava ali sempre trazendo ideias importantes e interessantes. Ela ia me substituir, tão logo eu ia sair da coordenação de artes, mas no fim a gente acabou indo para o mesmo caminho, ela na Rede Cidadã, e eu na SMADS.

Agora, a história de como que a Neide morreu. Era um inverno intenso, forte, e começou já com três mortos na rua. A Neide ficou muito chocada, impactada com isso, e aí ela criou uma frente pra arrecadar agasalhos, cobertores, e roupas para a população de rua. Queria apenas mulheres na linha de frente desse trabalho. Era uma ideia que ela tinha de que as mulheres tomassem a frente, que eram mais organizadas para ajudar com as roupas, separar o que prestava, porque ela não queria dar qualquer coisa pra população de rua, já que tinha roupa que ela considerava descarte, e nem pro lixo ela queria mandar, mandava para o artesanato, mas dizia que para a doação não servia. Mas a região que a Neide estava querendo cobrir, a Cracolândia, é muito mais delicado.

Na época eu estava com minha companheira, uma pessoa com quem eu estava vivendo, e a Neide a conheceu. Em uma sexta-feira, a Neide marcou de se encontrar com ela e conversarem sobre esse projeto da Campanha do Agasalho. Elas foram conversar, mas Neide não queria a minha presença, elas queriam conversar entre elas, porque a Neide queria apenas mulheres.

Naquele dia eu cheguei em casa e a minha companheira me falou dessa ideia, eu falei que achava perigoso elas irem sozinhas, só mulheres no grupo, porque ainda que iriam trabalhar com pessoas em situação de rua, a região que a Neide estava querendo cobrir, a Cracolândia, é muito mais delicado. Eu disse que o ideal seria que tivesse um homem no meio, nem que seja pra carregar o peso, ou dirigir uma perua, uma kombi. Esse era o ideal. Na ocasião eu até me desentendi com minha companheira, falando que seria bastante perigoso.

Um dia antes de encontrar com minha companheira, eu e a Neide tínhamos nos encontrado, lá no Pateo do Collegio. Estávamos conversando, fazendo uma reflexão sobre o massacre da população de rua, sobre as mortes que vinham acontecendo no inverno, as violências, e comentando que o massacre não acabou. Paramos, e assim teve um momento de um silêncio ensurdecedor, de um silêncio gritante.

Foi bem curioso, porque depois nós falamos juntos: “não vamos virar estatística, a gente não vai morrer por intolerantes”, e demos as mãos, um aperto bem bacana, “Promete?” “Prometo!”. Prometemos um para o outro que não morreríamos assim.

E o que aconteceu foi que a Neide foi distribuir agasalhos em uma madrugada muito fria, pelo que consta no boletim de ocorrência, foi da madrugada de sexta para sábado. Consta ainda que ela teria sido atacada por um rapaz que queria roubar o celular dela, e nesse intento de querer roubar, Neide foi assassinada a facadas.

- Sebastião Nicomedes



ESPALHA + DH

DIREITOS HUMANOS

As pessoas vão falando
Sem ao mesmo raciocinar
Dizendo que direitos humanos
É para bandidos impunes ficar
Não é para ele pra quem erra
E vem os humanos desrespeitar

Se não houvesse direitos humanos
Com quem poderíamos contar?
Quando uma pessoa fosse humilhada
Ou a vida dela alguém viesse tirar?
É os direitos humanos
Que vai justiça buscar

Nunca lhe importando a cor
Raça ou religião
É sempre os direitos humanos
Que clama pela solução
Entre ricos e pobres
Buscando sempre a união

Quando a humanidade souber
A verdadeira razão
Porque precisamos respeitar
A raça sem distinção
Entenderá que os direitos humanos
No mundo é a solução

Viva os direitos humanos
Que todos venham conclamar
A luta contra o racismo
E todas as intolerâncias que há,
Pois se não fosse os direitos humanos
Todos os seres irem chorar


Robson César Correia de Mendonça

Presidente do Movimento Estadual da População em Situação de Rua

LEMBRAR PARA NÃO ESQUECER:

19 de agosto dia nacional de luta da população em situação de rua

...

Texto por Coordenação de Políticas para a População em Situação de Rua

Há 18 anos, entre os dias 19 e 22 de agosto de 2004, uma série de ataques violentos vitimou 17 pessoas em situação de rua na Praça da Sé, levando 7 pessoas a óbito e deixando 8 pessoas com sequelas irreversíveis. Esse episódio que é um dos mais violentos contra essa população ficou conhecido como massacre da Sé e desde a data os movimentos de luta da população em situação de rua fazem do dia 19 de agosto um marco nacional pelos direitos dessa população.

Nessa data é importante que lembremos de Jonas dos Santos Soares, Igor Silva Oliveira, Rodrigo Lima da Silva, Eduardo Oliveira dos Santos, Fernando Luiz de Paula, Thiago Marcos Danas, Leandro Pereira Assunção, Antônio Neves Neto, Tiago Teixeira de Souza, Adalberto Brito da Costa e Manoel dos Santos que tiveram suas vidas ameaçadas e ceifadas na praça da Sé, mas também é uma data para lembrar de Jamaicas, Carlos e Neides que lutam dia-a-dia pela sobrevivência, dignidade e por direitos mínimos para a população em situação de rua.

Desta forma, nesta edição a Coordenação de Políticas para População em Situação de Rua gostaria não só lembrar e evocar esses nomes como reafirmar a necessidade de que sigamos juntas diariamente na luta pelos direitos à alimentação digna, moradia, assistência, saúde, cultura, lazer, renda, trabalho e educação. É compromisso lembrar dos que se foram nesse episódio mas também daqueles e daquelas que hoje lutam para terem acesso a direitos fundamentais.

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS**

**SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA**

cedh@prefeitura.sp.gov.br